

OS FILHOS DO DIA E DA NOITE: INTERAÇÕES E EMBATES ESTÉTICOS E IDEOLÓGICOS NA OBRA POÉTICA DE OSWALDO DE CAMARGO

Érica Luciana de Souza **SILVA** – UFJF

Resumo

A pesquisa em questão pretende analisar os poemas de Oswaldo de Camargo contidos no livro *O Estranho*. Será verificado como o referido autor se insere no cenário da literatura afrodescendente brasileira, não apenas como um poeta que canta versos de protestos, mas um escritor que apresenta suas dores, frustrações, angústias e questionamentos. Sensações e sentimentos característicos não apenas da população afrodescendente, e sim do ser humano. Portanto, seus poemas serão lidos buscando a interação entre o universal, relativo às aflições do ser humano, com as questões sociais do engajamento. Acredita-se que esta comunhão de perspectivas distintas é que distingue o escritor Oswaldo de Camargo como um poeta que, antes de ser negro, preocupa-se em ser um bom escritor.

Palavras-chaves: literatura afro-brasileira, engajamento, cânone, poesia, estranho.

OS FILHOS DO DIA E DA NOITE: INTERAÇÕES E EMBATES ESTÉTICOS E IDEOLÓGICOS NA OBRA POÉTICA DE OSWALDO DE CAMARGO

Breves considerações

A leitura da novela *A descoberta do frio* serviu de impulso para a realização deste trabalho, o qual consiste em um estudo sobre a obra poética de Oswaldo de Camargo, evidenciando o seu processo criativo e sua habilidade em aliar engajamento social e poesia lírica. A partir desta leitura inicial, o *corpus* literário foi estendido aos livros do mesmo autor *O Estranho*, *O carro do êxito* e *a Razão da chama*, cujos textos instigaram a compreensão sobre os indicadores de linhas de tensão ainda não suficientemente analisadas na história da poesia brasileira, a exemplo da relação entre modelos estéticos e demandas sociais das populações afrodescendentes, além de fornecerem um material de pesquisa suficiente para alcançar o objetivo do estudo, que é

demonstrar o desafio de Oswaldo de Camargo em escrever uma poética contestatória sem perder o valor literário.

O termo Literatura Negra passou a ser defendido como uma expressão que nomeava uma expressão literária que se fortalecia com as lutas por liberdade no continente africano, na década de 70. Contudo, há severas críticas quanto a utilização deste termo.

Em seu texto “Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: Como responder à Polêmica”¹, Maria Nazareth Soares Fonseca explicita a diferença entre esses três conceitos com os seguintes argumentos: a literatura negra procura sentidos nos processos de formação da identidade dos grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Literatura afro-brasileira assume os elos entre o ato criativo literário e a relação desses com a África. Já a literatura afrodescendente aponta um movimento duplo: além de enfatizar a visão vinculada às matrizes culturais africanas, traduz as variações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora. Neste trabalho será adotada a denominação literatura afrodescendente, por ser uma opção estética e política que não esgota a discussão em torno desta terminologia, além de fazer uma melhor representação da obra de Oswaldo de Camargo, já que seus textos demonstram a herança africana a que estão ligados e expõe os sentimentos de dor e angústia gerados pela marginalização do afrodescendente.

Camargo aponta as tensões de uma sociedade que, no presente, não se desatrela de um passado marcado pelo sistema escravista, o qual durou cerca de trezentos anos, compreendendo o período que se estende da descoberta do Brasil, por volta de 1500, até a sanção da Lei Áurea, em 1888. Este contexto acabou gerando uma situação de marginalização do negro brasileiro, cuja resultante é um sério problema identitário, já que o mesmo fora arrancado de sua cultura materna, inserido em uma sociedade que o relegava e era constantemente comercializado como um animal, o que aniquila sua referência pessoal e identitária.

A fim de discutir a questão da relação entre Literatura Afro-brasileira e Literatura Brasileira, bem como a contribuição da poética de Oswaldo de Camargo organizou-se este trabalho da leitura de sua obra como uma poética do desassossego, a qual convida a todos a participarem das aflições sociais e existenciais do negro

¹ FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: como responder a polêmica. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth. (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

brasileiro e comprovando que, neste contexto literário a estética se articula com o engajamento social. Ainda como objetivos específicos pretendeu-se desencadear uma discussão sobre a literatura afrodescendente brasileira, demonstrando que esta criação literária faz parte da Literatura Brasileira não podendo, portanto, ser colocada à parte e, finalmente, mostrar que o negro escritor brasileiro produz um excelente trabalho literário aonde expõe as questões sociais e existenciais do afrodescendente, mas sem se tornar patético e anacrônico.

Para que os objetivos pudessem ser alcançados as análises foram desenvolvidas da seguinte maneira: a primeira parte consiste em como abordar a literatura afrodescendente. Na segunda parte será analisada a atuação de Oswald de Camargo em relação ao tema da poesia brasileira, levando em consideração a formação literária do autor, suas primeiras influências intelectuais e sua aproximação do tema da poesia afro-brasileira.

Finalmente, nas considerações finais serão discutidas questões relacionadas à contra-literatura, utilizando para isso Os livros *As Contra-literaturas*, de Bernard Mouralis e *Margens Instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*, organizado por Thomas Bonnici, Alexandre Villibor Flory e Márcio Roberto do Prado buscando refletir a questão do cânone e sua legitimação

SUJEITO ESTRANHO

Afrodescendência e Oswald de Camargo

O contexto literário brasileiro assume o cânone baseado na literatura europeia, cuja representação é a expressão do colonizador definida na tradição da metrópole e em seguida do colono herdeiro dos valores europeizados, muitas das vezes impostos com violência. Durante o século XVIII houve uma mudança no conceito sobre o índio brasileiro, transformando-o em modelo ideal justificador da mestiçagem e do nativismo. Mais tarde, no século XIX, toda a nação passou a enxergar o indígena como um antepassado mítico, uma espécie de herói responsável pela mestiçagem do povo brasileiro e, ao mesmo tempo, uma maneira encontrada de negar, disfarçar e ignorar a participação dos africanos na formação da nação, já que o negro representava a situação

de escravidão e vazio social. Sendo assim, as formas verbais criativas dos africanos não eram consideradas, revelando uma recusa de vozes advindas das margens sociais, “palavras negras passaram em brancas nuvens.”²

A partir do Romantismo a presença do negro na literatura brasileira limitava-se ao assunto relativo ao tráfico negreiro, colocando-o apenas como problema social e político, mas não como autor textual de sua história, pois o mesmo não fazia parte do modelo em vigor nem havia espaço para uma estética de origem africana. O discurso que se apresentava nas produções literárias era o oficial trazido da metrópole; a língua utilizada é a que vigorava na sociedade portuguesa, demonstrando claramente as relações de poder impostas, inferiorizando as culturas negras e estigmatizando-as como produções inferiores, sem forma, deploráveis e horrendas, além de estabelecer um julgamento que denotava poder e que abrangia a toda a sociedade brasileira e de língua portuguesa da época. Sendo assim, o escritor que se detivesse na questão do negro e de sua influência africana corria o risco de ver o seu trabalho vinculado à suposta inferioridade das produções negras e outro aspecto torna-se resultante deste contexto, o processo de miscigenação branqueadora da literatura brasileira que contribuiu para que negros letrados temessem o estigma da cultura negra e seus valores textuais.

Foram anos assumindo essa perspectiva ao mesmo tempo em que vários escritores negros detinham-se na produção de textos. Era a literatura negra brasileira que, silenciosamente, se desenvolvia vigorosamente com criações que, na maior parte de seus textos, tornou-se uma escrita engajada, que levantava a bandeira contra o preconceito e a discriminação do negro, tanto a nível social quanto a nível literário, representando a necessidade de apropriar-se da história, da cultura e reescrevê-la numa linguagem libertadora.

É importante destacar que as produções literárias afrodescendentes não serão designadas literatura negra somente a partir da cor da pele de quem escreve e sim pela perspectiva discursiva assumida pelo escritor. São considerados textos constituintes da literatura afrodescendente aqueles em que há um enunciador negro, feitos por qualquer pessoa, contanto que dê voz aos negros ou aos seus descendentes, “O que caracteriza a poesia afrodescendente não é a cor da pele do autor, mas o fato dela retratar o negro enquanto raça possuidora de determinada cultura e valores.”³ Vale destacar que, a fim de evitar o reducionismo da expressão

²RISÉRIO, Antônio. *Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros*, p.70.

³BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*, p.81.

‘literatura negra’ faz-se necessário dar voz ao poeta como ser humano e não apenas enquanto negro. Este precisa reconhecer o lugar em que está inserido e a partir daí tecer suas reflexões sobre a realidade e sua identificação com a mesma. Só assim poderá ser sujeito enunciativo da história, consciente de seu papel transformador dentro da sociedade e não apenas um objeto do qual se falava, tendo como referência uma realidade não vivenciada pelos afrodescendentes.

A cultura negra começou a ser observada com um pouco mais de atenção na literatura no final do século XIX, época em que vigorava o Naturalismo e a atenção pelas “culturas inferiores” era evidente. Só no Modernismo é que este interesse se acentuou e aos intelectuais foi dado a reconhecer, de maneira mais enfática do que em épocas anteriores, que o Brasil possuía uma estrutura sociocultural bem diversa da Europa. Nas primeiras fases do Modernismo Brasileiro a inserção na cultura afro não é efetiva, pois ainda se vê esta poética com olhares de desconfiança. Só nas últimas fases do Modernismo que há um espaço para os textos negros com uma estrutura bem distinta dos modelos europeus. Por muitos anos o negro foi aniquilado. Durante a escravidão vivenciou sofrimentos terríveis e após a abolição da mesma não houve políticas públicas que integrassem o negro, tornando-o invisível perante a sociedade e, por um longo período, este não aparece nem como um problema social ou cultural.

Na tentativa de impedir o levante de voz dessa parcela da população criou-se o mito da democracia racial brasileira, o qual afirma que todas as raças convivem harmoniosamente dentro do estado brasileiro. Esta política é muito perigosa, pois equipara superficialmente todas as diferenças étnicas e abre espaço para um preconceito racial desvelado, mas disfarçado de tolerância, levando a sociedade a agir como se o negro e sua problemática não existissem. Não aparece nos livros didáticos, tão pouco no cinema, nem na TV e quando aparecia era em posição de subserviência, humilhante, geralmente sem demonstrar seus sentimentos. O discurso acerca do negro era produzido apenas por quem se considerava branco. Até mesmo textos que falam do sofrimento do negro, como ‘O navio negreiro’, de Castro Alves, retratam um sofrimento imaginário, constituindo discursos bem intencionados, sem a anuência do negro e que seguem as normas da literatura oficial.

Textos que não seguiam o cânone vigente na época se multiplicavam à margem da literatura oficial e lutavam para ser reconhecida como literatura. Os críticos literários, até então, os excluía por não seguir os modelos especificados e a

explicação para tal atitude pode ser encontrada na afirmação de Harold Bloom no movimento denominado por ele de ‘Escola do Ressentimento’, o qual afirma que o cânone literário foi formado por “valores racistas, homofóbicos, patriarcais, colonialistas e elitistas”⁴.

Na contra mão do cânone encontra-se, então, a literatura afrodescendente, a qual situa o negro como sujeito literário, possuidor de voz própria e que a utiliza para expor suas angústias, dores, revoltas, questionamentos e reflexões acerca da realidade que o cerca. Por sua característica contestadora e contrária aos modelos existentes esta produção pode ser considerada literatura minoritária, termo designado por Dubois, ou contra-literatura, denominação utilizada por Bernard Mouralis, ou simplesmente literatura marginal. Nesse caso, a palavra marginal não possui um sentido pejorativo, mas indica uma produção que cresce às margens da literatura oficial.

Há, assim, um questionamento em relação à exclusão da literatura afrodescendente que demonstra a impossibilidade de ouvir as vozes que gritam, mas que, ao mesmo tempo são constantemente silenciadas, mostrando o quanto se faz necessário compreendê-las e situá-las dentro do real contexto social brasileiro. Durante séculos assim se desenhou o cenário da literatura brasileira, com total desrespeito e negação de um processo cultural que sempre existiu, mas que encontrava dificuldades em demonstrar sua visualização devido a indisposição da sociedade dominante em ouvir o coro de vozes que não mais podia ser silenciada. Bauman, em *Modernidade e ambivalência*, explicita como um texto ou uma voz contrária ao que é apregoado, quando ouvida pode modificar uma realidade social permeada de estereótipos e preconceitos.

De acordo com Maria Nazareth S. Fonseca os termos literatura, poesia e cultura negra começam a ser citados com maior frequência a partir do momento em que a questão da identidade cultural brasileira foi colocada em discussão; “Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.”⁵.Torna-se necessário legitimar essa

⁴ BONNICI, Thomas. “O cânone literário e a crítica literária: o debate entre a exclusão e a inclusão.” In: BONNICI, Thomas, FLORY, Alexandre Villibor e PRADO, Márcio Roberto do. *Margens instáveis: tensões entre teoria crítica e história da literatura*, p. 111.

⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes L, p.9.

escrita que exprime os sentimentos do negro, formada por um processo de questionamento cuja história é contada sob uma nova perspectiva, procurando eliminar os estereótipos da palavra negro e desobedecendo “a padrões consagrados, revelando tonalidades camufladas.”⁶. A legitimação ocorre quando não mais se aceita a hierarquização das obras literárias, deixa-se a classificação de “melhor” ou “pior” e detêm-se nos efeitos de cada texto dentro da sociedade. A alteridade aniquila os valores tendenciosos e preconceituosos concebidos pelas classes dominantes, abre espaço para o leitor e sua interpretação despreziosa e faz com que textos e escritores, como os dos afrodescendentes brasileiros, sejam inseridos nas grades curriculares de escolas, universidades; apareçam em trabalhos de dissertações, teses, monografias; sejam divulgados em revistas científicas especializadas, democratizem a literatura e rompam com o cânone instituído.

No entanto, a extensão dessa legitimidade necessita alcançar o grande público leitor, já que, obras de escritores afrodescendentes, infelizmente, não são encontradas em abundância no mercado comercial e editorial da mesma forma que estão as demais obras pertencentes à Literatura Brasileira.

Ainda neste contexto torna-se cada vez mais necessário discutir a literatura produzida por negros ou que abrange o conflito vivenciado por eles. Sebastião Elias Milani, em seu artigo “Semi-simbolismo na poesia de Drummond”⁷, afirma que os seres humanos são parte integrantes de uma época, de um lugar e que um estudo textual resulta no somatório de todos os elementos sociais envolvidos. Portanto, elementos históricos e artísticos se misturam a elementos filosóficos e científicos. Ainda, de acordo com Milani, o discurso individual é semelhante ao discurso de seus contemporâneos, não deixando de ser único e específico, revelando o modelo social em que o indivíduo está inserido, como sucede com a literatura afrodescendente brasileira, cuja temática abarca a história do povo negro na diáspora brasileira, indo desde a denúncia da escravidão até a situação de discriminação e preconceitos atuais em relação ao negro.

Neste cenário de vozes silenciadas, relegadas à periferia, angustiadas e profundamente doridas está a poética de Oswald de Camargo, que traz em seus textos marcas relevantes de uma literatura socialmente reconhecida, prestigiada e representante de uma maneira distinta de refletir o texto literário. Possui forte

⁶ BERND, Zilé. *Negritude e literatura na América Latina*, p.81.

⁷ MILANI, Sebastião Elias. *Semi-simbolismo na poesia de Drummond*, 2008.

influência de uma matriz cultural ocidental de recorte cristão, ao mesmo tempo em que seus textos permitem identificar um processo sócio-histórico e cultural bastante ligado à história dos negros. Sua poética revela o engajamento social nela presente, mas não se restringi a apenas esta temática. Escreve poesias permeadas por um forte lirismo universal, o qual é usado para expor suas emoções, dores, sentimentos, frustrações, angústias e questionamentos na tentativa de demonstrar as mazelas que atingem o negro brasileiro e a situação marginal em que está inserido. É um exilado dentro de sua própria terra, uma representação da diáspora africano dentro do Brasil, cujo processo cultural de matriz africana se encontra profundamente enraizado na sociedade brasileira, mas que a mesma insiste em ignorá-lo. A influência resultante de sua formação literária ocidental amplia o significado de sua poética, é afrodescendente e traz um EU marcado pela angústia e pela busca de atributos do sujeito humano.

Em sua obra há a expressão de uma vida marcada por humilhações morais e nela expõe suas frustrações, aspirações e emoções que dominam sua alma, originando uma poesia de ressentimento que provoca o reconhecimento real e doloroso do negro brasileiro, considerado inferior devido a herança escravocrata.

Oswaldo de Camargo se sentia tão emparedado quanto Souza e Cruz quando o assunto era dar voz a alma, ou melhor, dar voz aos sentimentos mais profundos que corroem a alma solitária e estigmatizada. Camargo também trouxe para a sua poesia influências de Drummond, embora ocupassem posições distintas dentro da sociedade brasileira. Este, de formação burguesa, enquanto aquele, proletariado, ambos desejam uma sociedade mais igualitária. Drummond sabe de sua distância social que o afasta do proletariado. Camargo também sabe desta distância, só que situado do lado oposto a Drummond, se encontra no lado relegado, representando a voz dissonante do contexto literário. Ambos tratam do reconhecimento de um sujeito, ora como observador, ora como observado como em “Operário do mar”, de Drummond cujo eu lírico representa o intelectual observando e em “Gris”, de Oswaldo de Camargo o homem negro observado. Nos dois textos há um distanciamento entre os dois personagens devido as suas posições sociais e o diferencial entre eles é a posição do eu-lírico em cada um dos poemas. Em “Operário do mar” o eu-lírico, que é a representação do intelectual, observa o operário que passa, caracterizando-se como um estranho para este sujeito do poema com suas mãos e pés grandes, casaco grosso, a ausência de fala e passadas firmes,

distinguindo-o do intelectual e chama sua atenção por se constituir um elemento social distinto. O eu-lírico não sabe das dores do operário, da sua vida, das suas angústias e há um abismo entre eles: um está no mar e o outro em terra firme. Contudo, há um elemento que os une: o olhar, que se realiza como o único elo de comunicação entre eles.

É o mesmo processo que ocorre no poema de Camargo, entretanto o eu-lírico aqui é o oprimido que assume o papel do ser “estranho” perante o olhar da moça loira. Mais uma vez o olhar! Eles não se falam, mas se comunicam através do olhar. O eu-lírico afirma que a distância entre eles falava e expunha os valores estereotipados da moça loira, que também não sabe da dor do sujeito do poema que reverte em tristeza e espalha-se no rosto dele. A moça loira teme o eu-lírico. O desconhecido causa espanto, medo; teme-se o que se desconhece. É mais fácil relegar, ignorar do que procurar ouvi-lo e compreendê-lo. Como no poema de Drummond, eles não se comunicam com palavras por ser uma ação impossível. O “maior” desconhece a dor do “menor”, de uma minoria sem voz, mas que grita insistentemente sem ser ouvida ao mesmo tempo em que cria defesas contra os preconceitos raciais e sociais.

CONCLUSÃO

Oswaldo de Camargo, Contra-Literatura?

Buscando analisar algumas questões apontadas no decorrer do trabalho, destaca-se o texto *As contra-literaturas*, de Bernard Mouralis, o qual contesta a “literatura canônica”, cujos valores são pautados no etnocentrismo e na discriminação social além de discutir a presença de uma produção literária, distinta da que é considerada molde e para qual é reservada apenas um lugar marginal. Contudo, afirma que esta produção diversa vem causando o que o modelo literário denomina de “crise literária”.

Ainda em seu texto, Mouralis apresenta a ideia de que a “Literatura” é representação de uma determinada sociedade elitista e transmite valores pertinentes a ela tornando-se assim, uma instituição “cuja imagem tende a impor-se do centro para a periferia do corpo social”⁸ e um sistema que “deve construir-se também segundo um eixo temporal, de modo a integrar no domínio literário elementos heterogêneos que as obras mais antigas e, por vezes, mais recentes constituem.”⁹ Contudo, afirma ainda que a literatura não é apenas essa construção de valor, instituição e sistema, mas é também uma ampla construção de significados,

⁸ MOURALIS, Bernard. *As contra-literaturas*, p. 20.

⁹ MOURALIS, Bernard. *As contra-literaturas*, p. 26.

permeada de implicações ideológicas, as quais atuam na apresentação, no funcionamento e na transmissão do texto literário e todo texto que não seja compreendido e transmitido como pertencente à “literatura”, geralmente, é compreendido no campo das contra-literaturas, reforçando, desta maneira, os estereótipos e imperialismo culturais.

Portanto, conceituar literatura e não literatura seria uma forma de reforçar o etnocentrismo e o imperialismo cultural que engessa este cenário em um contexto arbitrário, o qual impede a voz de outros segmentos sociais se manifestarem e fazerem-se ouvir. A alteridade se manifestou através da voz do Outro, não conseguindo se integrar completamente no campo literário e tornando-se totalmente estranha a ela, como é o caso da literatura criada pelo homem negro.

Muitos poetas não conseguiram se afastar deste estigma cultural, de que a literatura permeada de africanismos e com temas referentes a este assunto seria inferior literariamente, tornando-se necessário que o escritor negro tomasse posição frente ao novo cenário literário que emergia em meio à sociedade elitista e promovia o conhecimento a respeito do ponto de vista dos negros, apresentando um discurso do negro e não sobre o negro ou, quase sempre, contra o negro.

A literatura afrodescendente brasileira adquire o aspecto de instabilidade se comparada com a literatura vigente quando insiste na produção de textos essencialmente negristas, assumindo tal postura com a apresentação de temas relevantes à cultura de matriz africana e colocando-se frente ao cânone literário vigente. Mediante a este quadro, faz-se necessário retomar o conceito da palavra ‘cânone’ “que vem da palavra grega *kanōn*, que significa mediada ou régua, derivada do termo hebraico *kāneh*, um instrumento de medir.”¹⁰ Como dito anteriormente neste trabalho, o cânone literário reflete os ideais e valores de uma sociedade elitista dominante, cuja legitimação se dá por seu ensino nas escolas, pelos críticos literários e pelas editoras que, quase sempre, publicam os autores que mais vendem.

As obras literárias que assumem posição dentro do modelo cultural elitista, muitas delas estão ligadas à hegemonia e ao poder social vigente, enquanto que, os escritores negros escrevem seus textos a partir da realidade das condições humanas das

¹⁰ BONNICI, Thomas. “O cânone literário e a crítica literária: o debate entre a exclusão e a inclusão”. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor e PRADO, Márcio Roberto (Orgs.). *Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*, p. 103.

camadas mais baixas da sociedade, o que pode ser considerado o espaço brasileiro de “margem instável”, já que abarca a parcela da população relegada ao espaço marginal como consequência de sua origem social e racial e por muito tempo sem permissão para falar de suas dores, o que leva ao enfrentamento de vários obstáculos na busca da definição identitária como “eu” enunciador.

A obra de Oswaldo de Camargo se insere nessa nova perspectiva cultural brasileira, embora esteja repleta de valores literários ocidentais resultantes de sua educação católica dentro de conventos, faz a ponte entre a cultura relegada e a oficial, “eu sou o elo (...) Aí está o elo. Devido a idade, eu sou o único nessa situação. Eu sou pianista, eu sou o único poeta que está fazendo uma literatura negra moderna (...)”¹¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Do autor

CAMARGO, Oswaldo de. *15 Poemas Negros*. São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1961.

CAMARGO, Oswaldo de. *A descoberta do frio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011. (novela).

CAMARGO, Oswaldo de. (Org.). *A razão da Chama: Antologia de poetas negros Brasileiros*. São Paulo: GRD, 1986.

CAMARGO, Oswaldo de. *O carro do êxito: contos*. São Paulo: Martins, 1972.

CAMARGO, Oswaldo de. *O estranho*. São Paulo: Ed. Roswitha Kempf, 1984. (poesia).

CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CAMARGO, Oswaldo de. *Um homem tenta ser anjo*. São Paulo: Ed. do autor, 1959. (poesia).

2. Sobre o autor

AUGEL, Moema Parente. “Angústia, revolta, agressão e denúncia: a poesia negra De Oswaldo de Camargo e Cuti. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.).

¹¹ CAMARGO, Oswaldo de. Depoimento de Oswaldo de Camargo. In: FILIPPO, Thiara Vasconcelos De. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – Anexo I, p. 135.

- Um Tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- BERND, Zila. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- Caderno Cultural – 75 anos do poeta Oswaldo de Camargo. In: *Jornal da Causa Operária*. [online].
<http://www.pco.org.br/conoticias/caderno-cultural/75-anos-do-poeta-oswaldo-de-camargo/eebb,e.html>
- DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2003.
- FERREIRA, Lígia Fonseca. Entrevista com Oswaldo de Camargo.
<http://www.revistas.usp.br/viaatlantic>.
- FILIPPO, Thiara Vasconcelos de. *Imagens poéticas: o negro, a África e a noite na Literatura de Oswaldo de Camargo*. Dissertação defendida em 15 de março de 2007 e aprovada pelo Programa de pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- MILLIET, Sérgio. *Quatro ensaios*. s.1: Martins, s.d.
- NICOLAU, Milton César. Entrevista feita a Oswaldo de Camargo. [online].
<http://www.portalafro.com.br/literatura/oswaldo/oswaldo.htm>. Disponível em 10/12/2000.
- “Oswaldo de Camargo”. [online]
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/112/dados1.pdf>
- PINHEIRO, Giovanna Soalheiro. “Oswaldo de Camargo: a construção de uma Poética NEGRA brasileira”. [online].
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/112/oswaldodecamargo01.pdf>
- SILVA, Auliamda. “Trafegando na contracorrente: A descoberta do frio como Contraliteratura. [online].
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/112/critica2.pdf>
- VAZ, Zélia Maria N. Neves. “A descoberta do frio: a prosa-brasileira de Oswaldo De Camargo. [online].
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/112/oswaldodecamargo02.pdf>

3. Geral

3.1 Literárias

ALVES, Castro. *Obra completa em um volume*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *José e outros*. 9 ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Best Seller, 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos Principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petropolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.
- ASSIS, Machado de. “Pai contra mãe”. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa em um volume*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967.
- NAVA, Pedro. *Bau de Ossos: memória*. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá Ltda, 1972.
- PUCHEU, Alberto. *Mais cotidiano que o cotidiano*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- SOUSA, João da Cruz e; JUNKES, Lauro (Org.). *Obra completa: prosa*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.
- VENTURA, Adão. *A cor da pele*. 5 ed. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1988.

3.2 Teóricas

AUGEL, Moema Parente. “A imagem da África na poesia afro brasileira Contemporânea”. [online].

<http://www.lettas.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigomoema.pdf>

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do*

- Colégio de França. Tradução de Leyla Perrone Moises. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1973.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BONNICI, Thomas. “O cânone literário e a crítica literária”. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto (Org.). *Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*. Maringá: Eduem, 2011.
- CAMILO, Vagner. *Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura afro-brasileira: um conceito em Construção”. [online].
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/afrodescendenciaseduardo.pdf>
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura e afro-descendência”. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre Poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1979.
- FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915/1963): estudo Monográfico*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- FILHO, Domicio Proença. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

- FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Cultura/literatura negra, cultura/literatura afro-Brasileira: impactos, paradoxos e contradições. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e Demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura negra, literatura afro-brasileira: Como responder à polêmica?” In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth. (Orgs.) *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Poesia afro-brasileira – vertentes e feições”. Disponível em:
http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_15/er15_mnsf.pdf
- GILROY, Paul. “O Atlântico negro como contracultura da modernidade”. In: *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GLISSANT, Édouard. “Cultura e identidade”. In: *Introdução a uma poética da Diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GOMES, Heloisa Toller. *O negro e o Romantismo Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Atual, 1988.
- HALL, Stuart. “A identidade em questão, três concepções de identidade. O caráter da mudança na modernidade tardia. O que está em jogo na questão das identidades? In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução De Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- MILANI, Sebastião Elias. Semi-simbolismo na poesia de Drummond. Cerrado. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, DF, n. 26, ano 17, p. 153-165, 2008.
- MOURALIS, Bernard. *As contra-literaturas*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- MUNANGA, Kabengele. “A mestiçagem no pensamento brasileiro”. In: *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade Negra*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ONETO, Paulo Domenech. A questão da literatura engajada nas filosofias de Sartre

e Deleuze. *Comunicação e Política*, v.25, nº2, p. 213-234, 2005.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. “Negociação e conflito na construção das Poéticas brasileiras contemporâneas”. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. “Panorama da Literatura Afro-Brasileira”.

Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf>

PEREIRA, Édimo de Almeida. *Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SAID, Edward W. “Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas”. In: *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. “Exílio intelectual: expatriados e marginais”. In: *Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Florentina. “Cadernos Negros: literatura afro-brasileira?” In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. In: *Um tigre na floresta de signos: estudos e demandas Sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

TAYLOR, Diana. “A memória como prática cultural: mestiçagem, hibridismo, Transculturação”. In: *O arquivo e o repertório: performance e memória Cultural nas Américas*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

XAVIER, Rodrigo. A representação do sujeito moderno entre o Simbolismo e a Geração de Orpheu. Terra Roxa e outras Terras: Revista de Estudos Literários, Vol. 23 (set. 2012). Disponível em:

<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>

